

Comunicação

Campo privilegiado para o estudo das emoções

DÔUGLAS APARECIDO FERREIRA

*Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil*

PAULA GUIMARÃES SIMÕES

*Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil*

ID 2770

Recebido em
20.06.2023

Aceito em
24.10.2023

Este artigo apresenta uma reflexão teórica em torno de diferentes perspectivas conceituais sobre as emoções e de recentes estudos da Comunicação que se debruçam sobre o assunto. Esse estado da arte foi organizado a partir de quatro dimensões essenciais na compreensão das emoções: as *sensações fisiológicas, a cultura, a linguagem e a subjetividade*. A partir disso, devido à complexidade da relação entre essas dimensões, argumenta-se que os estudos da Comunicação podem ser fundamentais para a investigação sobre as emoções, visto que os processos comunicacionais são indispensáveis para que elas adquiram existência na vida social e afetem a realidade dos sujeitos.

Palavras-chave: Emoções. Comunicação. Abordagem comunicacional.

Communication: a Privileged Field for the Study of Emotions

This paper aims to present a theoretical reflection on different conceptual perspectives about emotions and recent Communication studies that focus on the subject. This state of the art was organized from four essential dimensions in the understanding of emotions: physiological sensations, culture, language and subjectivity. From this, due to the complexity of the relationship between these dimensions, it is argued that Communication studies can be fundamental for the investigation of emotions, since communication processes are indispensable for them to acquire existence in social life and affect people's reality.

Keywords: Emotions. Communication. Communication Approach.

Comunicación: un campo privilegiado para el estudio de las emociones

Este artículo presenta una reflexión teórica sobre diferentes perspectivas conceptuales sobre las emociones y sobre estudios recientes de Comunicación que se centran en el tema. Este estado del arte se organizó a partir de cuatro dimensiones esenciales en la comprensión de las emociones: sensaciones fisiológicas, cultura, lenguaje y subjetividad. A partir de ello, debido a la complejidad de la relación entre estas dimensiones, se argumenta que los estudios de Comunicación pueden ser fundamentales para la investigación de las emociones, ya que los procesos comunicativos son indispensables para que estas adquieran existencia en la vida social y afecten la realidad de los sujetos.

Palabras clave: Emociones. Comunicación. Enfoque de comunicación.

Dôuglas A. **FERREIRA**

Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Comunicação Social – Gestão da Comunicação Integrada com Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), instituição na qual também obteve o título de mestre em Comunicação Social, com período de intercâmbio no Departamento de Comunicação de Marketing e Branding da Ural Federal University (UrFU), em Ecaterimburgo, Rússia. Docente do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS/UFMG) e do Grupo de Pesquisa em Mídia, Política e Democracia (MIDIATICUS/UFMT)

E-mail: douglasferreira9@ufmg.br

ORCID



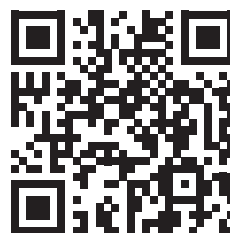
Paula Guimarães **SIMÕES**

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), possui graduação e mestrado em Comunicação Social pela mesma instituição. Foi pesquisadora visitante na University of California, Irvine (UCI), com bolsa CAPES/PRINT (2019-2020). Docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFMG) e coordenadora do PPGCOM/UFMG (2022-2024). Bolsista de Produtividade do CNPq e Líder do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS/UFMG), fundado em 1994.

Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br

ORCID



Introdução

Partindo do princípio de que todos os seres biológicos sentem emoções, pode-se dizer que elas surgem junto com o aparecimento da vida na Terra (Maturana, 1998). Este já seria, por si só, um motivo para justificar a importância de um estudo sobre elas. No entanto, além dessa constatação, as emoções também permeiam diversos âmbitos das experiências sociais dos humanos ao ponto de – embora não se possa afirmar que elas estejam presentes em todas as situações – ser difícil apontar alguma que não seja atravessada por aspectos emocionais. Talvez por isso as emoções têm sido motivo de estudo e disputa conceitual de diversos pensadores e disciplinas do conhecimento ao longo da história.

O objetivo deste artigo é discutir as principais abordagens clássicas de emoção e explorar como elas se relacionam e podem ser expandidas pelas recentes perspectivas adotadas por pesquisadores da Comunicação. O principal enfoque será em entender como uma perspectiva analítica comunicacional pode servir como uma profícua área para articular a complexidade multidisciplinar dessa temática. Para atingir esse objetivo, a pesquisa foi dividida nas seguintes etapas: revisão das teorias clássicas de emoção; investigação das recentes perspectivas da Comunicação; articulação entre teorias clássicas de emoção e perspectivas comunicacionais; e, por fim, proposição de um modelo analítico comunicacional para estudos de emoção. Textualmente, o artigo seguirá com a apresentação das etapas descritas.

Na primeira fase, nos baseamos em duas obras que sistematizam os estudos já feitos sobre o assunto: *What Is the History of Emotions?*, de Barbara H. Rosenwein (2018), e *Compreender as emoções*, de Keith Oatley e Jenniffer M. Jenkins (2002). A leitura desses livros foi fundamental para o mapeamento de autoras e autores expoentes dos estudos das emoções em diversas disciplinas do conhecimento. Isso nos levou ao estudo de suas obras originais, que serão, dentro das limitações de espaço deste artigo, citadas como uma forma de exposição das abordagens mais conhecidas.

No segundo momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica abrangendo todas as revistas de estrato Qualis A (quadriênio 2017-2020) que são consideradas brasileiras e ativas na área da Comunicação, conforme indicado pela Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação)¹. Esse levantamento resultou em um total de 25 publicações. Subsequentemente, foi conduzida uma investigação no campo de busca desses periódicos pelas palavras “afetividade”, “afeto”, “emoção” e “sentimento”². Isso resultou em 79 artigos que possuem algum tópico específico sobre emoções e foram publicados nos últimos cinco anos. Eles formam a base para a análise que se segue, que visa evidenciar como as emoções têm sido tratadas no campo da Comunicação, o papel que elas desempenham no processo comunicativo e como os recentes estudos destacam-se na exploração das emoções sem limitar-se a um único viés investigativo, o que reforça nossa hipótese de que a comunicação é um lugar privilegiado para estudar as emoções.

01 Disponível em: <<https://compos.org.br/publication/lista-de-periodicos-da-area/>>. Acesso em: 20 abr. 2023. São elas: *Brazilian Journalism Research (on-line)*; *Comunicação & Inovação*; *Comunicação & Educação*; *Comunicação, Mídia e Consumo*; *Contemporânea: Revista De Comunicação e Cultura*; *Discursos Fotográficos*; *E-Compós (Brasília)*; *Estudos em Jornalismo e Mídia*; *Fronteiras: Estudos Midiáticos*; *Galáxia (São Paulo)*; *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*; *Intexto*; *Logos: Comunicação e Universidade*; *Lumina (Juiz de Fora)*, *MATRIZES (São Paulo)*; *Organicom (São Paulo)*; *Questões Transversais: Revista de Epistemologias da Comunicação*; *Revista Brasileira de História da Mídia*; *Contracampo: Brazilian Journal Of Communication*; *Revista Eco-Pós*; *Esferas*; *Revista Famecos (on-line)*; *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*; *Revista Observatório*; e *Sur Le Journalisme/About Journalism/Sobre Jornalismo*.

02 Embora os termos “afetividade”, “afeto”, “emoção” e “sentimento” possam ser conceitualmente distintos, em última análise representam o mesmo fenômeno. Para evitar uma discussão meramente sobre terminologias, o que não é a intenção deste artigo, utilizamos o termo “emoção” como padrão. Tentamos, na medida do possível, manter a taxonomia utilizada pelos autores. No entanto, buscando nos desviar da discussão da nomenclatura – porque não queremos cair na armadilha de que o conceito seja mais importante do que o objeto real –, utilizamos “emoção” como o termo padrão. Além de ser a palavra mais recorrente na literatura aqui utilizada, entendemos que ela representa de forma mais ampla e concreta a atividade sensorial, cultural, linguística e subjetiva que queremos apreender.

Com base nas informações coletadas nas duas primeiras etapas, o próximo passo foi conectar as abordagens clássicas de emoção com as perspectivas atuais da Comunicação. Esse processo envolve a análise de como as emoções e a comunicação se interrelacionam e como isso pode ser compreendido em um quadro analítico comunicacional. Por fim, a última etapa desta pesquisa será a proposição de um modelo analítico que articule emoção e comunicação de maneira a abordar a complexidade da temática. Esse modelo é baseado na síntese das teorias clássicas e atuais estudadas e na identificação de que elas se organizam em pelo menos quatro dimensões: as *sensações fisiológicas*, a cultura, a linguagem e a subjetividade.

Acreditamos que essa abordagem comunicacional para estudar emoções permitirá uma compreensão mais holística sobre elas na vida social, e apontarmos possibilidades e desafios dessa proposta teórico-metodológica.

A dimensão das sensações fisiológicas das emoções

Entre as reflexões que resgatamos, uma que se destaca é a que considera as emoções como ocorrências que atrapalham o ser humano a alcançar a racionalidade e, portanto, são associadas às “fraquezas” do corpo (Platão, 2000; Spinoza, 2007). Também com uma visão que demarca as emoções como fenômenos do corpo que interferem nas questões da alma (razão), Max Weber (2002) apresenta uma proposta de tipificação para as ações sociais, dividindo-as em dois grandes grupos: racionais e irracionais. Entre as irracionais, que negam a racionalidade, Weber (2002) inclui aquelas que ele considera instintivas porque são movidas pelas emoções.

William James (2018), expoente da tradição filosófica pragmatista, também fez considerações sobre as emoções. O autor não reconhece uma possível influência positiva delas nos processos cognitivos e intelectuais, qualificando-as como inferiores e meramente fisiológicas. Inspirado pelos então recentes avanços da Biologia encabeçados por Charles Darwin, o autor afirma que “emoção e cognição parecem então realmente separadas; e os processos cerebrais são quase insensíveis, até que possamos julgá-los, até que eles peçam ajuda para as partes do corpo abaixo deles”³ (James, 2018, p. 424, tradução nossa).

Por essa incursão inicial, infere-se que os pensadores mencionados representam uma perspectiva clássica negativa das emoções que perdura até hoje. Isso é percebido, por exemplo, em expressões do cotidiano, como quando se acusa alguém de ser demasiadamente “emotivo”, significando, a depender do contexto, alguém que age sem pensar (Oatley; Jenkins, 2002; Siqueira, 2015).

Embora essas investidas iniciais sobre as emoções possam parecer superficiais por abordarem especificamente o nível fisiológico do fenômeno em questão, cabe dizer que elas foram essenciais para colocar as emoções no escopo das questões investigáveis por campos como a Psicologia, a Biologia e a Sociologia. Elas foram importantes também para que, posteriormente, outros autores continuassem a estudá-las pelo viés sensorial e trouxessem avanços principalmente na revisão da dualidade entre emoção e razão.

Entre esses estudos, destacamos o de Walter Cannon (1927), que argumenta que respostas fisiológicas emocionais ocorrem simultaneamente, em vez de sequencialmente, como pensava James (primeiro a reação, depois a emoção). De acordo com Cannon, quando somos expostos a um estímulo emocional, nosso cérebro envia sinais para nosso corpo e nosso sistema límbico (a parte do cérebro associada às emoções) ao mesmo tempo. Portanto, sentimos a emoção e experimentamos a resposta fisiológica ao mesmo tempo.

03 No original: “Emotion and cognition seem then parted even in this last retreat; and cerebral processes are almost feelingless, so far as we can judge, until they summon help from parts below”.

Já Stanley Schachter e Jerome Singer (1962) introduziram um elemento cognitivo aos estudos de Cannon. Eles sugeriram que a experiência da emoção depende não apenas da resposta fisiológica, mas também da interpretação cognitiva dessa resposta. Em outras palavras, a forma como percebemos e interpretamos nossas respostas físicas pode influenciar as emoções que experimentamos.

Ainda no âmbito dos estudos fisiológicos, Paul Ekman (2011) é conhecido por seu trabalho sobre as expressões faciais das emoções. Ele argumenta que existem seis emoções básicas (felicidade, tristeza, medo, surpresa, nojo e raiva) que são universais e podem ser reconhecidas por características faciais específicas. Apesar de ter recebido diversas críticas por desconsiderar as especificidades culturais, focar apenas nas emoções básicas e não levar em conta o papel da cognição nas emoções, a teoria de Ekman (2011) marca as perspectivas que buscam não perder de vista a importância do corpo no estudo das emoções.

Mas quem é considerado o principal expoente da não dualidade positiva/negativa entre razão e emoção é o neurocientista Damásio (2012). Embora as questões fisiológicas sejam as mais importantes em seu trabalho, ele defende a importância das emoções na tomada de decisões, sugerindo que elas e a razão não são opostas, mas trabalham juntas.

Pelo que foi apresentado, pode-se inferir que as sensações fisiológicas, ainda que não representem a totalidade das emoções, são uma categoria determinante para a existência delas. As *sensações fisiológicas* constituem a camada mais superficial das emoções, visto que podem ser de imediato notadas nas alterações que causam no corpo, mas isso não significa que são menos complexas ou menos relevantes do ponto de vista investigativo. Afinal, são as sensações fisiológicas que fazem com que as emoções sejam fenômenos materiais e concretos observáveis.

Em nossa investigação dos recentes estudos da Comunicação, encontramos pesquisas que trazem essa perspectiva fisiológica da emoção e demonstram como os processos comunicacionais podem trazer contribuições para esse ângulo de abordagem. Leão Serva e coautores (2021), por exemplo, destacam o impacto emocional de imagens violentas de guerra, evidenciando a expressão visual de nojo como a principal emoção negativa experimentada. Eles mencionam a atração positiva por emoções fortes, mesmo que negativas, ao discutir o engajamento dos espectadores com imagens de guerra e referenciar os trabalhos de James e Darwin sobre a expressão de emoções.

Já Fátima Regis e coautores (2022) exploram a afetividade na comunicação contemporânea e no consumo de mídia, enfatizando o papel dos algoritmos na disseminação de desinformação e discurso de ódio, que operam por meio da interação dinâmica e complexa entre elementos biológicos, psicológicos e sociotécnicos. Em outro artigo, escrito individualmente, Regis (2020) argumenta que a afetividade é um fator crucial na interação com o conteúdo da mídia, incluindo desinformação e discurso de ódio. O texto questiona a ideia do sujeito humano estritamente racional e consciente e destaca sua natureza corporificada e relacional da afetividade. O artigo baseia-se no conceito de *mente corporificada* e na teoria do afeto para explorar como corpos, tecnologias e atmosferas afetivas moldam a mediação distribuída da mídia. Também na linha das sensações fisiológicas, Sílvio Anaz (2021) estuda as emoções e sua relação com a experiência da catarse em narrativas audiovisuais. Apoiando-se em Ekman e Damásio, ele ressalta que as emoções estão associadas a imagens mentais que desencadeiam mudanças corporais específicas.

Cabe pontuar que os artigos citados não trazem a perspectiva fisiológica das emoções como a única analisada, mas neles percebemos que ela é um dos principais eixos analíticos. E, embora a Comunicação seja reconhecida como uma área dos estudos sociais, ela também pode trazer à tona perspectivas biológicas. Afinal, sem a materialidade dos corpos, sem a aparelhagem construída por anos de evolução de relação da espécie humana com o mundo, não haveria a possibilidade do emocionar-se (Ferreira, 2022). Portanto, eles se destacam por demonstrar como as produções comunicacionais estão ligadas às sensações emocionais sentidas no corpo e que é na relação com os objetos do mundo, muitos deles produzidos pelos próprios seres humanos, que as emoções emergem como sensações fisiológicas.

Esse prisma relacional das emoções é o que marca outra dimensão identificada, que será discutida no tópico seguinte, caracterizada por destacar prioritariamente as emoções como fenômenos culturais decorrentes das relações na vida social.

A dimensão cultural das emoções

David Le Breton (2001, p. 96, tradução nossa) acredita que “as emoções não são emergências selvagens que quebram condutas razoáveis, elas respondem a lógicas pessoais e sociais, elas também têm sua razão, assim como a razão não é concebida em uma inteligência de pedra ou máquina”⁴. Na mesma linha, Marcel Mauss (1979), considerado um dos pioneiros na abordagem social das emoções, defende que “não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação” (Mauss, 1979, p. 147).

Clifford Geertz (2008) também reforça essa perspectiva sociológica das emoções dando destaque maior aos aspectos culturais. Ele leva em consideração que os recursos culturais são essenciais para o despertar das emoções: “Não apenas as ideias, mas as próprias emoções são, no ser humano, artefatos culturais” (Geertz, 2008, p. 59). Edgar Morin (2002) também reconhece a relação íntima entre emoção e cultura. Ao definir esta última, o filósofo afirma que “uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, *orientam as emoções*” (Morin, 2002, p. 15, grifo nosso). Na mesma linha, Stuart Hall (2016, p. 20, grifo nosso) conceitua cultura como algo que se relaciona “a *sentimento, a emoções*, a um senso de pertencimento, bem como a conceito e a ideias”.

Raymond Williams (1979) usa a expressão “estruturas de sentimento” para descrever as diferentes maneiras pelas quais as pessoas experimentam e expressam emoções em diferentes períodos históricos e contextos culturais. Essas estruturas de sentimento não são fixas, mas estão em constante mudança e evolução. Para o autor, as emoções não são apenas experiências internas e subjetivas, mas também estão intrinsecamente ligadas aos contextos social e cultural em que são vivenciadas.

Em aparente alinhamento, Gregory Bateson (2006, p. 165, grifo nosso) diz que “a cultura afeta de algum modo a psicologia dos indivíduos, fazendo com que grupos inteiros de indivíduos pensem e *sintam* de modo similar”. Já para Susan Shott (1976), apenas os aspectos fisiológicos não constituem as emoções. Para a autora, a expressão das emoções também é moldada pelas expectativas sociais, pois as pessoas geralmente parecem manifestá-las, inclusive aquelas mais fortes, de acordo com o jeito prescrito por suas normas culturais. Ela explica que um número considerável de pesquisadores que procuravam padrões biológicos nas emoções, incluindo o trabalho de Ekman (2011) citado anteriormente, foram surpreendidos pela descoberta de pequenas nuances fisiológicas entre as pessoas, demonstrando certa interferência cultural nas formas de expressão.

Mirele Bonfim e Sônia Gondim (2010) reforçam que é nos processos de socialização que se aprende as devidas circunstâncias em que as emoções devem ser reveladas ou escondidas. Portanto, segundo as autoras, ao levarmos a discussão das emoções para o campo das interações sociais estamos demarcando o caráter simbólico das expressões emocionais, de um significado que depende da interpretação do observador, de gestos emocionais que podem antecipar possíveis atos e finalidades.

04 No original: “Les émotions ne sont pas des émergences sauvages venant briser des conduites raisonnables, elles répondent à des logiques personnelles et sociales, elles ont aussi leur raison, de même que la raison ne se conçoit pas dans une intelligence de pierre ou une machine”.

Embora Axel Honneth (2009) não trate diretamente das emoções em seu trabalho, entendemos que sua teoria do reconhecimento tem implicações importantes para a compreensão cultural das emoções, particularmente no que diz respeito à experiência emocional de injustiça. Para o autor, a experiência de ser desrespeitado ou não reconhecido pode levar a emoções negativas, como a vergonha, a raiva ou o ressentimento. Essas emoções, por sua vez, podem motivar os indivíduos a se engajarem em lutas sociais para alcançar um maior reconhecimento – e, portanto, desempenham um papel crucial nas interações sociais e nas batalhas por justiça.

A perspectiva cultural das emoções denota a existência conflitante e interdependente de uma estrutura biológica humana universal (uma aparelhagem comum que permite aos seres humanos sentirem emoções) em constante relação com as diferenças culturais (nuances que conferem um aspecto de particularidade para o que é sentido por determinados grupos). A partir do que foi dito, entendemos, portanto, que *cultura* é outra categoria determinante para a existência das emoções. Ela se junta às sensações fisiológicas como partes ontológica e dialeticamente constituintes.

Nos estudos do campo da Comunicação que compõem o nosso corpus, os aspectos culturais das emoções podem ser encontrados no trabalho de Itania Gomes e Elton Antunes (2019) que discute o conceito de *paisagem afetiva* e enfatiza a importância das emoções na formação das práticas culturais e dos processos de comunicação, apoiando-se na ideia de “estrutura do sentimento” de Raymond Williams. Matheus Moreira e Felipe Machado (2022), por sua vez, examinam a representação de emoções relacionadas a gênero e sexualidade em novelas brasileiras, evidenciando as normas culturais heteronormativas e homofóbicas presentes nessas representações.

Em outra pesquisa, Marcio Serelle e Ercio Sena (2019) analisam as emoções expressas por pessoas negras e transexuais em resposta à representação de suas experiências no filme *Vazante* e na peça *Gisberta*. A semântica coletiva que une esses grupos e a forma como se reconhecem e sentem as injustiças em relação às narrativas midiáticas são as principais fontes de análise dos autores. Também destacamos o trabalho de Janine Bargas e Rousiley Maia (2019), que discute as emoções dos quilombolas. Para a pesquisadora, as interações entre eles em suas vidas diárias desempenham um papel importante em suas lutas, permitindo-lhes compartilhar os sentimentos de injustiça sofridos e interpretá-los de forma intersubjetiva, o que representa um avanço para uma política do reconhecimento. Os últimos trabalhos baseiam-se, principalmente, nas contribuições indiretas de Honneth (2009) para o estudo cultural das emoções.

A pesquisa de João Freire Filho e Júlia dos Anjos (2022) discute a misoginia nos textos jornalísticos e enfatiza a necessidade de transformar a maneira como pensamos sobre as emoções, considerando-as como algo que permeia a ordem social, as atitudes e o discurso, e não como algo enterrado nas profundezas dos indivíduos. Por fim, Bárbara Cerqueira, Claudia Quadros e Manoella Fiebig (2020) exploram o papel do rádio na mediação de emoções e no estabelecimento de conexões para imigrantes. O artigo baseia-se nas contribuições de Stuart Hall, bem como em conceitos sociológicos de *pertencimento e afetividade* para explorar o papel do rádio na formação de conexões e apegos emocionais.

Os estudos apresentados demonstram a centralidade das emoções nos processos comunicacionais e enfatizam a necessidade de abordagens culturais para entender adequadamente a complexidade emocional na sociedade contemporânea. Nesse sentido, a pesquisa em Comunicação se torna vital para destacar como as emoções são formadas, expressas e interpretadas dentro de contextos socioculturais específicos, e como esses processos são mediados por várias formas de comunicação. Para esses autores, o entendimento das emoções não é uma questão meramente individual ou biológica, mas envolve uma profunda imersão nas construções culturais e nas interações sociais, as quais são fortemente marcadas por aspectos comunicacionais.

As emoções estão intrinsecamente ligadas à capacidade humana de comunicar e interpretar sentimentos e significados, e a pesquisa em comunicação tem o papel de destacar esses processos e suas implicações na vida social. Além disso, a abordagem sociológica das emoções foi precursora de uma outra

empregada que vislumbrou o entendimento das emoções por meio das produções resultantes das experiências culturais, como os signos linguísticos. É nesse momento que entra em cena outra dimensão identificada: a *linguagem*.

A dimensão linguística das emoções

A emoção está presente em diversos tipos de linguagens, como as expressões faciais e as posturas corporais. No entanto, a pesquisadora Anna Wierzbicka (1999) reconhece a linguagem verbal – por meio de estruturas frasais e discursivas, entonação, interjeições e, principalmente, palavras – como o principal elemento de manifestação das emoções. É por esse motivo que uma corrente significativa de pensadores vê na análise da linguagem verbal uma oportunidade de explicar as emoções. Afinal, é essa a linguagem que, na maioria das vezes, medeia as trocas emocionais entre os sujeitos em interação.

Denise de Camargo (1999) explica que, de modo generalizante, quando os bebês exteriorizam suas emoções mais básicas por meio de choros, risos e gritos que são entendidos como significantes para outras pessoas, acontece provavelmente a primeira interação linguística. E é a emoção que permite estabelecer essas relações interindividuais iniciais. Com o passar dos anos, ao incorporar palavras em sua experiência com o mundo, a relação entre a criança e a emoção se altera: “As formas mais adaptadas de comunicação vão esculpindo a emoção, tornando-a mais encoberta e mediada pela linguagem” (Camargo, 1999, p. 17). A capacidade de manejar os símbolos linguísticos capacita a criança a argumentar sobre o que sente sem necessitar de recorrer a gritos ou explosões de raiva. Se antes a expressão das emoções operava por meio de um sistema autônomo de músculos e reações fisiológicas, com a aquisição da linguagem a relação entre a criança e a emoção se altera.

Mauss (1979, p. 153) acrescenta que as emoções “são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem”. O autor segue dizendo que a emoção não é algo que se manifesta em si, mas que existe por causa dos outros – portanto, “é essencialmente uma ação simbólica” (Mauss, 1979, p. 153). Já Wierzbicka (1999) lembra que as emoções podem diferir de língua para língua, tanto por questões culturais como temporais, o que as torna nem sempre reconhecíveis entre grupos sociais diferentes. Inclusive, segundo a autora, alguns estudos constataram que emoções consideradas básicas e universais (Ekman, 2011) nem mesmo tinham palavras específicas para determinados povos.

Isto posto, Wierzbicka (1999) conclui ser inquestionável que os léxicos das emoções revelam similaridades e distinções do que é sentido pelos indivíduos. Desse modo, o fato essencial da influência da linguagem sobre as emoções é a diversidade que ela desencadeia, o que pode ser notado na variação de emoções discriminadas em cada vocabulário. É por isso que, segundo ela, as palavras importam no estudo das emoções.

Na mesma linha, Oatley e Jenkins (2002) argumentam que a linguagem desempenha um papel crucial na regulação das emoções, permitindo-nos nomear, comunicar e refletir sobre nossas experiências emocionais. Já para Louis Quéré (2018), a linguagem permite articular as emoções. Para o pensador, a capacidade humana de formular as emoções com a ajuda de um vocabulário transforma a natureza do que se sente, na medida em que torna mais clara a distintividade entre elas (Quéré, 2018). Sara Ahmed (2015, p. 41, tradução nossa⁵) parte desta mesma perspectiva ao propor que “as diferentes palavras que se referem à emoção fazem coisas diferentes, justamente porque incluem orientações específicas para os objetos que são identificados como sua causa”.

05 No original: “Las diferentes palabras que refieren a la emoción hacen cosas diferentes, precisamente porque incluyen orientaciones específicas hacia los objetos que se identifican como su causa”.

No corpus analisado neste artigo, identificamos uma abordagem que consideramos majoritariamente linguística em relação às emoções no trabalho de Juliana Doretto e Thaís Furtado (2023). As pesquisadoras analisam o uso de símbolos e expressões de emoções na linguagem digital, com foco naquelas relacionadas à infância e em como elas são expressas em diferentes contextos, como conversas familiares ou trabalho remoto durante a pandemia de Covid-19.

Já Denise Siqueira, Fábio Majerowicz e Raquel Dantas (2021) tomam os afetos como registros que derivam primeiro do repertório de um grupo social. A partir disso, refletem sobre as técnicas e estratégias de composição emocional que podem ser encontradas na linguagem jornalística. De modo semelhante, Ana Claudia Peres (2021) argumenta que a afetividade é fundamental na narrativa jornalística, que tradicionalmente tem sido dominada pelos dogmas da razão e da ciência. A autora sugere que privilegiar a afetividade nas narrativas jornalísticas pode levar a uma compreensão mais sutil e complexa dos eventos e de seu impacto sobre indivíduos e comunidades.

No contexto dos *booktubers*⁶, Pâmela Pochmann e coautores (2022) discutem o conceito de *patemiização*, que é o processo de induzir emoções por meio de estratégias linguísticas específicas. O artigo também discute como essas resenhas em vídeo podem influenciar as expectativas dos públicos, impactando o mercado editorial e a recepção de uma obra. Jacques Wainberg (2020), por sua vez, examina a linguagem no discurso político, enfatizando o papel das emoções na formação da mensagem. O autor defende que, no discurso político, as palavras carregam significados emocionais que podem influenciar a percepção do público sobre a mensagem. O artigo também destaca a importância do estilo do palestrante na formação do tom emocional do discurso.

Também enfocando mais os aspectos linguísticos, a representação da mulher é abordada por Alcidésio Silva Júnior (2023), que analisa as emoções presentes nas letras das músicas das *Spice Girls*. Em outra pesquisa, Anderson da Silva (2022) aborda o excesso de linguagem melodramática na mídia como estratégia de expressão de emoções e argumenta que o melodrama usa o excesso como forma de expressar emoções e que essa retórica do excesso é subversiva e popular. Quanto ao uso de quadrinhos, Leandro Vicente e Gelson Weschenfelder (2022) exploram como essa linguagem pode expressar emoções quando utilizada como ferramenta de educomunicação.

Por fim, em relação ao contexto do *impeachment* de Dilma Rousseff, Geilson Oliveira e Maria Coelho (2019) destacam a presença de emoções nas conversas sobre o post mais comentado na página do Facebook da revista *Veja* no dia do julgamento. Os resultados mostram que as emoções desempenham um papel significativo na produção de significado nesses diálogos.

Pelo que foi apresentado, concluímos que os estudos da Comunicação aqui analisados trazem à tona o fato de que, embora as emoções sejam manifestações para além da linguagem, ainda assim, em muitas situações, elas só ganham relevância no tecido social porque estão expressas por algum suporte linguístico. Os artigos evidenciam que a linguagem é útil para as emoções não apenas para nomeá-las, categorizá-las ou descrevê-las, mas também as modificam, materializam e colocam no bojo da vida social.

Contudo, se concordamos que as emoções podem ser regidas por acordos e expectativas linguísticas, devemos lembrar que há casos em que a palavra não alcança uma dimensão particular que também a determina. Nesse caso, a linguagem acaba tendo um duplo papel: ela circunscreve as emoções no tecido das interações sociais, mas também é coercitiva ao generalizar excitações de corpos singulares. Dito isso, o último grupo que será apresentado a seguir reúne o conjunto de trabalhos que trazem a dimensão que consideramos ser a mais profunda das emoções, a *subjetividade*.

06 Criadores de conteúdo que utilizam a plataforma do YouTube para compartilhar suas opiniões, recomendações, resenhas e discussões sobre livros.

A dimensão subjetiva das emoções

A dimensão subjetiva das emoções refere-se à experiência interna e pessoal que cada indivíduo vivencia em relação aos seus sentimentos. Trata-se de uma perspectiva que considera as emoções como fenômenos particularmente vívidos, o que de forma alguma os impede de serem influenciados por fatores como histórico pessoal, contexto social, crenças, valores e interpretações.

É possível que a perspectiva de Sigmund Freud (1996) sobre o inconsciente seja uma das precursoras dessa abordagem mais particular para o fenômeno emocional. O autor, ao colocar as emoções no conjunto das forças inconscientes, demonstra como muitas vezes elas regem uma ação sem chegar ao nível da interpretação.

Essa perspectiva mais individualista abriu margens para que autores como Richard Lazarus (1995) fizessem críticas às abordagens que consideram as emoções apenas no nível interpretativo. Para o autor, “às vezes nem sabemos ao certo por que estamos sentindo o que estamos sentindo, como se tivéssemos reagido sem pensar – o que significa que não reconhecemos conscientemente, ou colocamos em palavras, a avaliação que fizemos” (Lazarus, 1995, p. 265, tradução nossa).

Ele critica as vertentes que imperializam as interferências da linguagem no âmbito das emoções e ignoram os aspectos subjetivos. Afinal, para o autor, as emoções acontecem no indivíduo, um ser certamente influenciado pela cultura, mas também pelas experiências singulares resultantes de diferentes percursos de vida. “As palavras têm o poder de influenciar, mas elas não podem anular as condições de vida que fazem as pessoas ficarem tristes ou com raiva, emoções que as pessoas podem sentir até certo ponto sem precisar de palavras”⁸ (Lazarus, 1995, p. 259, tradução nossa).

O teórico segue explicando que uma das provas de que as emoções são também determinadas pelas subjetividades é o fato de os primatas demonstrarem emoção de tristeza sem terem o benefício da linguagem articulada para expressá-la. “Palavras são importantes, mas não devemos endeusá-las”⁹ (Lazarus, 1995, p. 259, tradução nossa).

De modo similar, Lloyd Ward e Robert Thropp (1989) argumentam que os sentimentos das emoções “podem ser imaginados ou lembrados, mas a experiência comum não é possível e não há como um indivíduo penetrar na experiência de outro e dizer ‘Oh, esse sentimento. Eu chamo isso de amor. Como você chama isso?’”¹⁰ (Ward; Thropp, 1989, p. 471-472, tradução nossa).

É pelo mesmo motivo que Freire Filho (2017) considera, que quando os indivíduos sentem emoções consideradas culturalmente subversivas, eles se sentem confusos. Segundo o autor, isso acontece porque em algumas situações as pessoas são incapazes de qualificar a própria experiência porque não encontram, em seus repertórios linguísticos, os subsídios para expressar o que sentem. Para exemplificação, o autor utiliza uma declaração de Simone de Beauvoir na qual a filósofa afirma que, aos 10 anos de idade, sentia algo inexplicável por uma amiga e, conseqüentemente, não conseguia falar sobre isso. A qualidade e a intensidade dessa emoção não foram possíveis de ser codificadas com as referências que ela possuía da linguagem: “Fui inundada por uma emoção que não estava prevista em nenhum código” (Beauvoir *apud*¹¹ Freire Filho, 2017, p. 66). E, mesmo assim, não se pode dizer que a emoção não existiu, que não tenha afetado alguém, que não tenha deixado marcas na vida de Beauvoir.

07 No original: “Sometimes we are not even sure why we felt as we did, as if we have reacted without thinking – which merely means that we have not recognized consciously, or put into words, the appraisal we have made.”

08 No original: “Words have power to influence, yet they cannot override the life conditions that make people sad or angry, which they can sense to some extent without words”.

09 No original: “Words are important, but we must not deify them”.

10 No original: “They may be imagined or remembered, but common experience is not possible and there is no way that one individual can penetrate into another’s experience and say ‘Oh, that feeling. I call that love. What do you call it?’”.

11 Justificamos o *apud* por ser uma tradução feita pelo próprio professor João Freire Filho, de um texto original de Beauvoir, que o levou a constatar as reflexões feitas.

Para Freire Filho (2017), a incapacidade de expressar linguisticamente uma emoção pode acarretar até uma certa dúvida sobre a própria sanidade mental, já que o indivíduo passa a não compreender o que sente dentro das possibilidades simbolicamente convencionadas. O autor explica que essa sensação pode levar uma pessoa a basicamente duas consequências. Uma é constrangedora, derivada da percepção de que as sensações das emoções têm limites. Outra é transgressora, derivada da instigante, porém perturbadora, descoberta de elementos em si desconectados dos acordos sociais. Embora sejam distintas, ambas as consequências apontam um sentir para além da cultura e da linguagem.

Clarice Lispector (2015, p. 26) também já escreveu sobre a dificuldade de sintetizar suas emoções em palavras: “[...] não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada”. Em sua perspectiva literária, as vivências são mais complexas do que a capacidade interpretativa. A vida emocional, portanto, é feita também do desconhecido, daquilo que foge à razão e à interpretação.

Nos recentes estudos publicados nas revistas de Comunicação, Aline Freitas e Fábio Castro (2020) analisam os afetos vivenciados pelos torcedores de um time e visam compreender os processos subjetivos expressos pelos afetos vivenciados pelos fãs. Já Ângela Marques e Ivone Oliveira (2022) discutem as experiências subjetivas e os processos de subjetivação política que levam a autotransformação e transformação dos afetos, ressaltando o impacto negativo dos arranjos de trabalho flexíveis na saúde emocional dos trabalhadores.

Por sua vez, no contexto da experiência estética, Renata Cidreira (2020) discute a relação entre crítica e prazer na apreciação de obras de arte, ressaltando o papel da afetividade nesse processo, no qual as pessoas devem procurar suas próprias respostas emocionais às obras que estão avaliando. Em relação às plataformas digitais, Leonardo Pastor (2022) discute a afetividade expressa na prática de tirar *selfies* e compartilhar imagens íntimas. O artigo demonstra que a afetividade é parte integrante da prática da *selfie*, envolvendo o uso diário de plataformas, emoções e diferentes modulações de intimidade.

É importante destacar que essas são pesquisas em Comunicação que, mesmo que atentem para a dimensão mais subjetiva das emoções, assumem sua inserção social e cultural. Ao separar essa dimensão da subjetividade no estudo das emoções, o objetivo foi demonstrar que, ainda que se tenha por referência as interações sociais, a experiência dos indivíduos com as emoções pode ser interna e pessoal.

Apesar disso, não é possível afirmar que a particularidade de uma emoção está isenta do conjunto de referências culturais e linguísticas compartilhadas socialmente. São essas que permitem a construção de uma, mesmo que aparente, “individualidade emocional”. É nesse ponto que acreditamos que esteja a contribuição dos estudos da Comunicação para essa abordagem subjetiva das emoções: demonstrar que o social é o código que faz com que os indivíduos reconheçam suas emoções como únicas e, por isso, busquem novas formas de expressão que levem a sociedade a refletir sobre novas possibilidades para elas.

Uma proposta de modelo analítico para as emoções

Para analisar as emoções no campo da Comunicação, entendemos que o objeto se trata de um fenômeno multidimensional, exigindo uma abordagem que vá além das propostas simplificadas que não capturam toda a gama de interações e dinâmicas presentes. Nesse contexto, propomos um modelo analítico composto por dois eixos articulados para apreender a materialidade comunicacional: os Elementos Estruturais e as Dinâmicas de Relação. No eixo Elementos Estruturais, busca-se a descrição dos aspectos fisiológicos, linguísticos, culturais e subjetivos que constituem ontologicamente as emoções analisadas. Já no eixo Dinâmicas de Relação, procura-se apreender as articulações entre os aspectos descritos nos Elementos Estruturais e como toda essa dinâmica é atravessada por processos indeterminados de negociações e resistências.

Acreditamos que, para isso, a abordagem comunicacional deva ir além da análise estrita do conteúdo das mensagens. Partindo do pressuposto de que as mensagens são apenas pontos de partida da interpretação e de que há nelas marcas que revelam tanto os elementos constituintes da emoção quanto suas relações. Para tanto, é necessária uma perspectiva de comunicação que priorize a complexidade e os processos interacionais que dão sentido ao mundo, ou seja, uma perspectiva praxiológica (Quéré, 2018) ou relacional (França, 2018). Isso significa olhar para a comunicação não como um fenômeno meramente representacional, mas como efetivamente uma ação coletiva, uma atividade com capacidade constitutiva tanto da subjetividade dos sujeitos quanto da objetividade do mundo (Quéré, 2018).

Assumir que comunicação é ação é também dizer que os sujeitos nela envolvidos estão agindo por meio dela (Quéré, 2018; França, 2018). Desse modo, a comunicação de uma emoção é, efetivamente, fazer existir uma emoção no bojo das quatro categorias constitutivas identificadas. Afinal, a existência social das categorias depende da comunicação para que possa ser legitimada como lócus da emoção. Essa visão praxiológica reforça os pressupostos de que, no âmbito da vida social, a expressão de uma emoção é uma ação que não existe previamente ou de forma independente da própria emoção. “A expressão pública é ela própria constitutiva do ser daquilo que é expresso” (Quéré, 2018, p. 36). Isso requer dar atenção ao que surge comunicacionalmente por meio das emoções, ao resultado dos sentidos interpretativos que damos a elas e a como isso interfere nos elementos básicos de um processo interacional: interlocutores, contexto, discurso e suporte.

O que foi dito também ajuda a explicar por que as emoções são manifestações circunscritas em seu tempo histórico. A comunicação desempenha um papel crucial na amplificação e na contextualização social das emoções. Ao serem comunicadas, estas interagem com modelos culturais, sociabilidades vigentes, valores compartilhados e formas aceitáveis de interação em determinados contextos. No entanto, é importante salientar que a comunicação não é o único meio pelo qual as emoções podem interferir no meio social. Emoções não comunicadas também têm implicações no comportamento e na tomada de decisões das pessoas, mesmo que de uma forma mais íntima e introspectiva. No entanto, chamamos a atenção aqui para aquelas emoções que se concretizam materialmente nas trocas comunicacionais do cotidiano, aquelas inscritas em uma complexa rede de condições sociais, econômicas, políticas e culturais que operam sob um engenhoso sistema de negociações, cobranças e concessões entre os interlocutores no espaço público.

Assim, acreditamos que, quando olhamos para esse tipo fenômeno sob a lente da Comunicação, estamos interessados em entender como as emoções, uma vez comunicadas, interagem e redefinem o tecido social. É nisso que, para nós, está a riqueza da apropriação das emoções como objeto de investigação no campo da Comunicação. Entendemos, contudo, que isso não anula outras perspectivas que levam em conta, por exemplo, o fato de as emoções não comunicadas também agirem no real ou o poder da retórica na interpretação das emoções. Embora cientes disso, reivindicamos uma empreitada comunicacional praxiológica (Quéré, 2018) que se dedique à materialidade dos sentidos presente nos discursos e a como estes agem sobre o cotidiano das pessoas.

Além disso, é preciso destacar que os estudos da Comunicação, quando alicerçados na complexidade dos processos, ressaltam as emoções como manifestações dinâmicas. Ao invés de examinar a vida emocional baseada em perspectivas estritamente disciplinares, a perspectiva multifocal da Comunicação pode contribuir propondo olhá-la como um conjunto de conexões e desconexões de uma intrincada inter-relação de categorias constitutivas.

Outro fator que qualifica a perspectiva comunicacional como potente para investigar as emoções é o fato de que seus rastros ficam registrados nas trocas que circulam na sociedade, desde os discursos produzidos pelos sujeitos até às produções midiáticas, o que ajuda a entendê-las de forma mais profunda e ampla. Isso permite não só a análise das emoções em um nível individual, mas também a percepção de como elas se manifestam e são interpretadas coletivamente, impactando e sendo impactadas pelas dinâmicas culturais e sociais. Dessa forma, a Comunicação possibilita um olhar panorâmico sobre as emoções, desvelando suas multifacetadas representações e influências na vida social.

Considerações finais

O resgate de diferentes perspectivas de emoção advindas de distintas áreas do conhecimento e de recentes estudos do campo da Comunicação ajuda a conformá-las como manifestações concretas e complexas constituídas por, pelo menos, quatro dimensões identificadas: *a sensação fisiológica, a cultura, a linguagem e a subjetividade*. Cabe dizer que essas categorias não são autônomas. Pelo contrário, ao longo da discussão, mostramos como estão em constante relação de interdependência na conformação das emoções. Isso não significa anular a existência objetiva das sensações fisiológicas, da cultura, da linguagem e da subjetividade, mas observar a vida emocional como a síntese das relações entre essas partes constituintes identificadas.

Os autores resgatados nos levam a crer que as emoções não têm um lugar próprio. Elas estão, ao mesmo tempo, nas sensações fisiológicas, na cultura, na linguagem e na subjetividade sem fixarem-se, efetivamente, em uma dessas dimensões, visto que são um complexo resultante da interação entre essas partes. Assim, as emoções fluem pelas inúmeras combinações possíveis entre as quatro instâncias mencionadas, conferindo a elas efeitos de causalidade de sensações. É por isso que, a depender da situação, o sujeito pode interpretar a emoção como: uma alteração no corpo; um comportamento cobrado pela sociedade; uma expressão linguística do que sente; e uma sensação de sua mais profunda particularidade.

Não temos a pretensão de responder à pergunta sobre de onde vêm ou o que causa as emoções. Até questionamos: seria possível ou necessário indagar sobre isso? Afinal, os trabalhos apresentados nos levam a refletir que o que de fato define a existência das emoções na vida social é o sentido que os sujeitos dão a elas. E é a partir disso que acreditamos na potência do olhar comunicacional na apreensão das emoções, porque é ao compartilhar suas emoções que os sujeitos revelam ao mundo o que acreditam ser a(s) origem(ns) delas. É algo que se sente no corpo? Que se administra socialmente? Que é regido pelas palavras utilizadas para expressá-las? Que é tão particular que é difícil explicar?

Do ponto de vista investigativo, saber os sentidos comunicacionais que os sujeitos conferem às emoções é valioso, porque a existência delas na vida social é dependente da forma como são compartilhadas ou das tentativas frustradas por não conseguir comunicá-las. Em outras palavras, na realidade social, as emoções existem porque há uma tentativa de comunicá-la. Se não fosse assim, elas seriam meras especulações.

Isso não significa dizer que a emoção não possa ser compreendida, também de forma ampla e complexa, por outras áreas do conhecimento. Nossa intenção é ressaltar que, pela Comunicação, é possível alcançar a dimensão relacional e complexa do fenômeno emocional, muitas vezes negligenciado por perspectivas centradas em estudos que não buscam entender o que elas provocam na ação conjunta social ou os sentidos de causalidade e localidade dados a elas. Dito isso, esperamos que este artigo possa ajudar outras pesquisas que se interessem pela relação comunicação/emoção. Isso porque, de fato, a comunicação é uma prática que também constrói os elementos de uma sociedade, inclusive as emoções.

Por fim, cabe pontuar que este texto também teve como objetivo apresentar um modelo de análise das emoções por meio de um viés praxiológico da Comunicação. Reconhecemos, entretanto, a necessidade de aprofundar os eixos propostos em estudos futuros, a fim de evidenciar seu potencial heurístico, assim como sua possível aplicabilidade nas pesquisas empíricas em Comunicação.

Referências

- AHMED, S. **La política cultural de las emociones**. México: Programa Universitario de Estudios de Génera – Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.
- ANAZ, S. A. L. Arquétipo e catarse nas narrativas audiovisuais. **MATRIZES**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 73-93, maio/ago. 2021.
- BARGAS, J.; MAIA, R. Teoria do reconhecimento e interações cotidianas: o caso das lutas dos quilombolas do Pará. **Contracampo**, Niterói, v. 38, n. 2, p. 85-98, ago.-nov. 2019.
- BATESON, G. **Naven**: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2006.
- BONFIM, M. C.; GONDIM, S. M. G. **Trabalho emocional**: demandas afetivas no exercício profissional. Salvador: EDUFBA, 2010.
- CAMARGO, D. Emoção, primeira forma de comunicação. **InterAÇÃO em Psicologia**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 9-20, 1999.
- CANNON, W. B. The James-Lange Theory of Emotions: a Critical Examination and an Alternative Theory. **The American Journal of Psychology**, v. 39, n. 1/4, p. 106-124, dez. 1927. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/1415404>>. Acesso em: 3 maio 2023.
- CARVALHO, N. F.; CONTER, M. B. Timbre como diferenciação para além do gênero musical: materialidades e semioses nas obras de Rakta e KOKOKO!. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 166-190, 2020.
- CERQUEIRA, B. M.; QUADROS, C. I.; FIEBIG, M. F. A vinculação afetiva do sujeito diaspórico: do rádio de antena ao expandido. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 17, p. 77-89, 2020.
- CIDREIRA, R. O prazer da crítica: entre o julgamento e a avaliação/The Pleasure of Criticism: Between Judgment and Evaluation. **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 18, n. 3, p. 187-202, 2020.
- DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DORETTO, J.; FURTADO, T. H. Entrevista “interrompida”: trabalho remoto, afetividade e os sentidos sobre a infância na pandemia de covid-19. **Galáxia**, São Paulo, v. 48, e58771, 2023.
- EKMAN, P. **A linguagem das emoções**. Rio de Janeiro: Lua de Papel, 2011.
- FERREIRA, D. A. **“Como é trabalhar aí?”**: um olhar comunicacional sobre trabalho e emoções nas agências publicitárias brasileiras. 2022. 310 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- FRANÇA, V. V. Discutindo o modelo praxiológico da comunicação: controvérsias e desafios da análise comunicacional. In: FRANÇA, V.; SIMÕES, P. (Eds.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 89-117.

FREIRE FILHO, J. Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder. **MATRIZES**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 61-81, 2017.

_____.; ANJOS, J. C. V. Jornalismo, misoginia e a revitimização da mulher. **E-Compós**, [S. l.], v. 25, 2022. DOI: 10.30962/ec.2555. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2555>>. Acesso em: 2 maio. 2023.

FREITAS, A. M. C.; CASTRO, F. F. Formas sociais, comunicação e tipificações do afeto numa torcida de futebol. **MATRIZES**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 241-259, maio/ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i2p241-259>. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/14774>>. Acesso em: 20 maio 2023.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. Tradução de J. Salomão. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: a história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. v. 14. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Organização e revisão técnica de Arthur Ituassu. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 123-144.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, I.; ANTUNES, E. Repensar a comunicação com Raymond Williams: estrutura de sentimento, tecnocultura e paisagens afetivas. **Revista Galáxia**, São Paulo, p. 8-21, 2019.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

JAMES, W. **The Principles of Psychology**. v. 2/2. [S.l.]: Global Grey eBooks, 2018. Disponível em: <<https://www.globalgreybooks.com/principles-of-psychology-volume-2-ebook.html>>. Acesso em: 6 fev. 2023.

JENKINS, J. M.; OATLEY, K. *Compreender as emoções*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

LAZARUS, R. S. Emotions Express a Social Relationship, but It is an Individual Mind that Creates Them. **Psychological Inquiry**, v. 6, n. 3, p. 253-265, 1995.

LE BRETON, D. **Les passions ordinaires: anthropologie des émotions**. Paris: Armand Colin, 2001.

LISPECTOR, C. **Água viva**. São Paulo: Rocco Digital, 2015.

MARQUES, Â. C. S.; OLIVEIRA, I. L. Comunicação interna e práticas políticas de diálogo como fonte de desestabilização e redefinição de interações não organizáveis. **Organicom**, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 11-16, 2022.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MAUSS, M. **A expressão obrigatória dos sentimentos**. In: OLIVEIRA, R. C. (Org.). Marcel Mauss: antropologia. São Paulo: Ática, 1979. p. 147-153.

- MEAD, G. **Mente, self e sociedade**. In: MORRIS, C. W. (Org.). Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2010.
- MOREIRA, M. A.; MACHADO, F. V. K. Que beijo foi esse, viado? Sentidos sobre gênero e sexualidade em disputa a partir de beijos gays veiculados em telenovelas da Rede Globo. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 79-95, 2022.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2002.
- OATLEY, K.; JENKINS, J. *Compreender as emoções*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- OLIVEIRA, G. F.; COELHO, M. G. P. Crise política e conflitos discursivos em redes sociodigitais: emoções, cultura e identidade no Brasil contemporâneo. **E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v. 22, p. 1-21, jan./dez. 2019.
- PASTOR, L. Selfie e experiências afetivas: corpo múltiplo e modulação da intimidade no cotidiano fotográfico. **Fronteiras: Revista de Estudos Midiáticos**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 14-25, maio-ago. 2022.
- PLATÃO. **A República**. Pará: EDUFPA, 2000.
- PERES, A. C. Jornalismo: testemunha lacunar da história. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 18, n. 1, jan./jun. 2021.
- POCHMANN, P. S.; FREITAS, E. C.; ANTUNES JÚNIOR, F. S.; PORTELLA MONTARDO, S. Livro e emoção: um estudo das estratégias de patemização de um vídeo-resenha literário no YouTube. **Intexto**, Porto Alegre, n. 53, e123030, 2022. DOI: 10.19132/1807-8583202253.123030. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/123030>>. Acesso em: 4 maio 2023.
- QUÉRÉ, L. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico. In: FRANÇA, V. V.; SIMÕES, P. (Orgs.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 15-50.
- REGIS, F. **Letramentos e mídias**: sintonizando com corpo, tecnologia e afetos. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 2, p. 147-163, ago./nov. 2020.
- _____.; MESSIAS, J.; PERANI, L.; TIMPONI, R.; MAIA, A. A virada afetiva na comunicação e na aprendizagem: mediação radical, lúdico e cognição atuada. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 23-41, 2022.
- ROSENWEIN, B. H. **What is the History of Emotions?**. Cambridge, MA: Polity, 2018.
- SCHACHTER, S.; SINGER, J. Cognitive, Social, and Physiological Determinants of Emotional State. **Psychological Review**, v. 69, n. 5, p. 379-399, 1962. DOI: 10.1037/h0046234.
- SERELLE, M.; SENA, E. Crítica e reconhecimento: lutas identitárias na cultura midiática. **MATRIZES**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 149-167, 2019.
- SERVA, L.; SPERS, E. E.; BAITELLO JR., N.; COSTA, C. A. Análise de fotos de guerra e impactos emocionais decorrentes em termos da atenção visual. **Galáxia**, São Paulo, n. 46, e53359, 2021.

SHOTT, S. Emotion and Social Life: a Symbolic Interactionist Analysis. **The American Journal of Sociology**, v. 84, n. 6, p. 1317-1334, maio 1976.

SIQUEIRA, D. C. O.; MAJEROWICZ, F. G.; DANTAS, R. G. Lágrimas de papel: Mestre Pastinha e os regimes de afeto no jornalismo impresso. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, e103478, 2021. DOI: 10.19132/1807-8583202152.103478. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/103478>>. Acesso em: 2 maio 2023.

SILVA, A. L. Melodrama, excesso e narrativas midiáticas: uma sistematização baseada na abordagem de parentesco intelectual. **MATRIZES**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 181-207, 2022.

SILVA JÚNIOR, A. O. Currículo Girl Power: Spice Girls e a representação da(s) mulher(es). **Lumina**, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 161-178, 2023.

SIQUEIRA, E. D. Categorias na fronteira: corpo, emoção e comunicação. In: SIQUEIRA, D. C. O. (Org.). **A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 37-58.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

VICENTE, L. R.; WESCHENFELDER, G. V. Encontros entre educomunicação e BNCC a partir das eletivas: o desenvolvimento do protagonismo juvenil por meio dos quadrinhos. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 73-84, 2022.

WAINBERG, J. A. **Populismo, emoção e a corrupção da linguagem**. Intexto, Porto Alegre, n. 49, p. 72-87. 2020.

WARD, L. G.; THROOP, R. The Dewey-Mead Analysis of Emotions. **The Social Science Journal**, v. 26, n. 4, p. 465-479, 1989.

WEBER, M. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 2002.

WIERZBICKA, A. **Emotions Across Languages and Cultures: Diversity and Universals**. Londres: Cambridge University Press, 1999.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Este artigo é um desdobramento da tese “Como é trabalhar aí?": um olhar comunicacional sobre trabalho e emoções nas agências publicitárias brasileiras, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), em diálogo com questões discutidas nos projetos “Política de Celebridades: valores em disputa no contexto contemporâneo” (CNPq) e “Observatório de Celebridades: emergência, ação e permanência dos famosos no contexto brasileiro” (FAPEMIG).

Fontes de financiamento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa

Dôuglas Aparecido Ferreira e Paula Guimarães Simões

Coleta de dados

Dôuglas Aparecido Ferreira

Análise e/ou interpretação dos dados

Dôuglas Aparecido Ferreira e Paula Guimarães Simões

Escrita e redação do artigo

Dôuglas Aparecido Ferreira e Paula Guimarães Simões

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Dôuglas Aparecido Ferreira e Paula Guimarães Simões

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós

Dôuglas Aparecido Ferreira e Paula Guimarães Simões

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Sim.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo

Não há conflitos de interesse

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

A pesquisa não envolveu diretamente a participação de seres humanos, de modo que não houve coleta de dados pessoais ou aplicação de instrumentos de pesquisa (entrevistas, questionários etc.). Todos os dados utilizados foram provenientes de fontes públicas, sem acesso ou exposição de informações sensíveis ou individualizadas. Além disso, a equipe assegurou o rigor na citação e referência das fontes, evitando qualquer possibilidade de uso indevido de conteúdo autoral. Não houve necessidade de anonimização ou guarda de documentos que envolvessem identificação de participantes, mas, ainda assim, foram observados princípios de honestidade acadêmica, transparência na elaboração dos resultados e fidedignidade na interpretação dos dados coletados.